

O tempo através do retrato de *Dorian Gray* de Oscar Wilde: espelhos sociais

The Time through *The picture of Dorian Gray* by Oscar Wilde: Social Mirrors

Isabella Pereira Marucci¹

RESUMO: Este artigo é resultado final de uma disciplina realizada no mestrado e tem como objetivo discutir como se dá a constituição do tempo na obra *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Uma vez que a passagem temporal se dá de forma inusitada, sendo apresentada pelo gradual envelhecimento do eu representado no quadro de Dorian Gray, enquanto o personagem permanece jovem e belo. Causando, dessa forma, uma mudança nos paradigmas temporais que nos permite dispor de um olhar acerca da consolidação e desenvolvimento da consciência e personalidade do personagem, assim como as críticas sociais que podem ser suscitadas neste contexto literário. Tendo em vista a sociedade conservadora e hipócrita em que o personagem reside, criando um contraste entre suas ações consideradas indevidas e os valores morais propagados socialmente. Uma dualidade entre a aparência e as verdadeiras práticas, culminando em uma reflexão sobre a construção conservadora social que se torna problemática. Essas questões podem ser levantadas a partir do comportamento do personagem protagonista, de forma metafórica, unidas ao tempo que permite a evidência desses questionamentos. Para tanto, concepções acerca do tempo serão apresentadas e discutidas, além de conceitos básicos oriundos dos estudos utópicos serão explorados, de maneira a enxergarmos com mais clareza a estrutura social, assim como uma breve menção a *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, que amplia esta leitura proposta.

Palavras-chave: Dorian Gray; Oscar Wilde; Sociedade; Tempo.

Abstract: This article is the final result of a course held in the master's degree and aims to discuss how the constitution of time in the Oscar Wilde's *The picture of Dorian Gray*. Since the temporal passage occurs in an unusual way, being presented by the gradual aging of the self represented in the picture of Dorian Gray, while the character remains young and beautiful. This causes a change in the temporal paradigms that allows us to have a look at the consolidation and development of the character's consciousness and personality, as well as the social critiques that can be raised in this literary context. Given the conservative and hypocritical society in which the character resides, creating a contrast between his actions considered undue and the socially propagated moral values. A duality between appearance and true practices, culminating in a reflection on the social conservative construction that becomes problematic. These questions can be raised from the behavior of the protagonist character, in a metaphorical way, together with the time that allows the evidence of these questions. To do so, conceptions about time will be presented and discussed, as well as basic concepts derived from utopian studies will be explored in order to see more clearly the social structure, as well as a brief mention of Lewis Carroll's *Alice in Wonderland*, which extends this proposed reading.

Keywords: Dorian Gray; Oscar Wilde; Society; Time.

O que é o tempo? Esta é uma questão pertinente e sem resposta precisa, pois o tempo é algo abstrato, difícil é compreendê-lo de maneira sistematizada. Poderia se tratar

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens (PPGMEL) na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Bolsista CAPES. Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Email: marucci_isabella@hotmail.com.

apenas de um conceito instaurado socialmente para vivência, como uma forma de organização diante das terminologias de passado, presente e futuro, havendo os relógios e calendários para nos determinar o que fazer e quando fazer. No entanto, esta seria apenas uma das possíveis considerações, falando de senso comum, pois a conceituação de tempo está além da vida social e cotidiana, muito mais complexo se dá seu entendimento. E maior ainda são suas possibilidades e ocorrências no campo narrativo, seja por midiática visual ou literária.

Benedito Nunes, em *O tempo na narrativa*, discorre sobre estas circunstâncias diárias em que nos apoiamos em relógios, delimitando substancialmente nossa relação direta com o tempo. Pois, por meio desse uso cotidiano, podemos afirmar que conhecemos e reconhecemos a presença do tempo em si, embora sua compreensão seja complexa:

Lidar com o tempo significa que já contamos com a sua presença antecipada na distribuição das tarefas cotidianas. E contar com essa presença antecipada, objeto de constante preocupação, também significa, perdoe-nos o inevitável trocadilho, que *sempre o estamos contando ou medindo*. (NUNES, 1995. P.17)

A medida do tempo, tal como a fazemos, permite sua consideração cronológica prioritariamente, que seguiria uma constante linear. No entanto, devem-se considerar também as experiências pessoais, bem como questões de ordem social, que permitirão diferentes concepções de tempo, visíveis, por exemplo, nas narrativas literárias. Toda esta complexidade não explicita uma definição, o que o tornaria subjetivo. Como expressamente, Santo Agostinho (1948, p.346) refletiu: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar eu o sei; se eu quiser explicá-lo a quem me fizer essa pergunta, já não saberei dizê-lo.” (apud NUNES, 1995. P.16).

Narrativas suscitam a possibilidade de inúmeras representações acerca do tempo, em prol de provocar no leitor o efeito que se espera acerca da história e das questões críticas, de um ponto de vista intencional ou não da obra. Por esta razão, faz-se pertinente a escolha da obra *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, para reflexão acerca desse aspecto utilizado pelo autor, o tempo, como possível ampliador das indagações sobre valores morais de uma sociedade, sendo esta uma das razões de choque no leitor.

O retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, tem como protagonista um jovem rapaz reconhecido por sua extrema beleza, sendo admirado por todos à sua volta. Tamanho era o apreço, que o pintor Basil lhe deu como presente um quadro de sua feição, pois não

teve coragem de expor ou vender o mesmo após pintá-lo. Movido por um fenômeno narcisista, Dorian Gray vê-se fascinado pela própria imagem, de maneira a desejar que nunca envelhecesse, mas que permanecesse com a mesma idade e aparência como expressado no quadro; ao contrário, gostaria que o mesmo tomasse para si o infortúnio da passagem do tempo.

Tenho ciúmes de tudo cuja beleza não morre. Tenho ciúmes do retrato que você pintou de mim. Porque eu deveria guardar o que seguramente perderei? Cada momento que passa leva algo de mim e dá algo a ele. Oh, se pudesse ser o inverso! Se o retrato pudesse mudar e eu puder sempre ser o que sou agora! Por que você o pintou? Ele zombará de mim, em algum dia – zombará terrivelmente! (WILDE, 2009. P.52).

Logo vemos o foco no tempo em contraste com a importância dada à beleza, como um padrão a ser seguido para possuir algum valor na sociedade. O tempo seria considerado um inimigo, por não permitir que tal virtude seja estendida para todo o decorrer da vida, sendo apenas algo efêmero. Pode-se observar de antemão, também, o cerne da reflexão sobre a valorização da aparência.

No entanto, Dorian não tinha tal visão a princípio; era considerado inocente e de uma personalidade pura, por não se apegar a esses conceitos. Lorde Henry, amigo em comum do pintor, foi o responsável por começar a “abrir” seus olhos para esse outro lado, influenciando-o de maneira negativa acerca dos valores morais e sociais. Induzindo-o, propositalmente ou não, a acreditar que a aparência seria a única coisa a se cultivar para ter *status* social. Antes que o quadro fosse apresentado a Dorian, Lorde Henry conversou com ele, o que o levou àquela reação em frente à sua imagem, mais tarde:

Sim, Senhor Gray, os deuses foram bondosos com você. Mas o que os deuses dão, tiram rapidamente. Você tem somente poucos anos com o que realmente viver. Quando sua juventude se esvaír, sua beleza irá com ela e você subitamente descobrirá que não há muitos triunfos que lhe restarão ou terá de se contentar com aqueles medíocres triunfos que a memória de seu passado tornará mais amargos do que as derrotas. Cada mês que míngua lhe trará mais próximo de algo terrível. O tempo tem ciúmes de você e luta contra seus lírios e rosas. Você se tornará pálido e de rosto murcho, e seus olhos ficarão inertes. Você sofrerá horrivelmente. Compreenda sua juventude enquanto a tem. (WILDE, 2009. P.45)

Na fala de Lorde Henry, vemos a personificação do tempo, como se o conceito constituísse uma personalidade dentro da obra também, personalizando-o ao embutir

sentimentos humanos, como exemplo os ciúmes que teria da bela aparência de Dorian. Desconsiderando a sua natureza temporal de passagem infinita, o ciúme do tempo parece ser considerado como uma espécie de motivação para envelhecer o jovem.

Ponto semelhante pode ser visto em *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, escrito no mesmo período de Wilde. Em seu primeiro encontro com o Chapeleiro Maluco, na mesa de chá, Alice se demonstra entediada com as recorrentes piadas e diálogos sem sentido do animal. Nesse momento é mostrado também o tempo personificado para compor parte da estrutura do País das Maravilhas, dando ênfase inclusive na diferença da grafia da palavra entre as falas dos personagens— na falado Chapeleiro, “tempo” aparece grafado em letra maiúscula, configurando um nome próprio. Observemos o trecho:

Alice suspirou, entediada. “Acho que vocês poderiam fazer alguma coisa melhor com o tempo”, disse, “do que gastá-lo com adivinhações que não têm resposta.”
“Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu”, disse o Chapeleiro, “falaria dele com mais respeito.”
“Não sei o que quer dizer”, disse Alice.
“Claro que não!” desdenhou o Chapeleiro, jogando a cabeça para trás. “Atrevo-me a dizer que você nunca chegou a falar com o Tempo!”
“Talvez não”, respondeu Alice, cautelosa, “mas sei que tenho de bater o tempo quando estudo música.” “Ah! Isso explica tudo” disse o Chapeleiro. “Ele não suporta apanhar. Mas, se você e ele vivessem em boa paz, ele faria praticamente tudo o que você quisesse com o relógio. (...) (CARROLL, 2009, p.57)

Novamente, sentimentos são atribuídos ao tempo, dando-lhe a capacidade de se “relacionar” com os personagens, mesmo que de maneira indireta e implícita, para criar o efeito de sentido proposto no enredo. Incitando e nos apresentando também a possibilidade de intervenção na constituição do espaço e/ou consciência do personagem, justamente por causa das emoções relacionadas entre ambos. Como é o caso da mudança gradual no comportamento de Dorian, cujo fato será discutido adiante. Na aventura de Alice, a personificação do tempo permite a compreensão da personalidade do Chapeleiro, que se mostra perdido sem seus afazeres cotidianos, afazeres esses que podem ser contemplados enquanto papel social que desempenhamos individualmente, desde que “se desentendeu” com o mesmo:

(...) “Brigamos em março passado (...) foi no grande concerto dado pela Rainha de Copas, e eu tinha de cantar” (...)

“Bem, eu mal acabara a primeira estrofe”, disse o Chapeleiro, “quando a Rainha deu um pulo e berrou: ‘Ele está assassinando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!’ ”
“Terrivelmente cruel!” exclamou Alice.
“E desde aquele momento”, continuou o Chapeleiro, desolado, “ele não faz o que peço! Agora, são sempre seis horas.” (CARROLL, 2009, p. 58)

Não apenas é encontrada essa semelhança entre as narrativas, mas também o contexto sócio histórico e político de produção das obras, o que permite essa relação fundamental para ampliar a leitura proposta. Ambos, Oscar Wilde e Carroll, escrevem no final do século XIX na Inglaterra, a sociedade vitoriana sustentada pelo reinado da Rainha Vitória. Época marcada por fortes exclusões e censuras, na qual certas classes eram privilegiadas e o governo, rígido em suas severas imposições ideológicas, levava a extrema valorização da aparência e pureza, em detrimento das práticas consideravelmente ilícitas. Incitando uma aparência perfeita da sociedade.

Os conceitos de utopia e de distopia, geralmente associados antagonicamente, podem ser de ajuda na compreensão da crítica social cunhada por ambas as obras. Para contextualizá-los, caminhando ao lado de Daniel Santee: a idealização de uma sociedade perfeita, sem falhas, onde todos viveriam harmoniosamente, seria uma utopia; enquanto que o contrário, sentimentos de repulsa e abominação, seria de caráter distópico. A semelhança estaria no fundamento apontado por Santee de que “em ambos os casos a crítica da sociedade é a característica central.”² (SANTEE, 1988, p. 29).

A diferença entre as obras, então, encontra-se na representação dessa crítica social utópica. Em *Alice*, é utilizado o elemento onírico para criar o universo do País das Maravilhas, velando sua reflexão por meio da estrutura nonsense; a Rainha de Copas seria a responsável por demonstrar o papel utópico em sua imposição no reinado, onde todos deveriam seguir seu padrão para viver bem, e ao mesmo tempo o distópico, por meio de suas ações, na prática, de autoritarismo, intolerância e punição.

De outro lado, a obra de Wilde baseia-se na dinâmica entre a aparência “perfeita” de Dorian e o tempo, mostrando os valores morais problemáticos de uma sociedade utópica que se constitui apenas na fachada. Por meio da busca pela perfeição, apresenta apenas na aparência aquilo que se julga o exemplar para uma sociedade conservadora. No entanto, na prática, o que pode ser chamado de verdadeira essência, é apenas visto o distópico, aquilo que traz caos e insatisfação, ou seja, procura-se manter uma aparência daquilo que se quer ser mas não o é.

² Tradução do original: “In both cases criticism of society is a central feature.” (SANTEE, 1988, p.29)

Em outros termos, a metáfora utópica seria o personagem de Dorian Gray, apresentado de maneira imaculada e livre de defeitos; por sua vez, seu quadro se encarregaria de representar a distopia, por personificar o horror, a repulsa e todos os temores humanos. O último se encontra devidamente escondido, mascarado pela enganosa utopia da aparência do personagem.

O desejo de Dorian de permanecer jovem é exagerado na expressão exercida por ele, almejando, na verdade, viver eternamente naquele momento, no agora que lhe era posto: “(...) ele me enviou o quadro em uma moldura muito bonita, desenhada por ele mesmo e, embora eu esteja um pouco ciumento dele por ser um mês mais jovem que eu, devo admitir que tenho muito prazer nele.” (WILDE, 2009, p.75). Segundo Ernst Bloch, esse tipo de sentimento, aliado à esperança de se conseguir o que quer, está ligado à utopia também, possuindo relação com o tempo, no sentido imediato do desejo:

O ser humano quer finalmente estar no aqui e no agora sendo ele mesmo, sem adiamento nem distância entrar na sua vida plena. A vontade utópica autêntica não é de forma alguma um almejar infinito, ao contrário: ela quer o meramente imediato e, dessa forma, o conteúdo não possuído do encontrar-se e do estar-aí (*Dasien*) finalmente mediado, aclarado e preenchido, preenchido de modo adequado à felicidade. Este é o conteúdo utópico limítrofe, pretendido no “Dure eternamente! És tão lindo!” do projeto de Fausto. (BLOCH, 2006, p. 26)

Tomando estas considerações, podemos ponderar que a figura do tempo, juntamente com o personagem de Lorde Henry, representaria a própria sociedade problemática em si, ao apontar para Dorian que nada é mais válido do que a imagem que se quer passar, metaforicamente apresentada pela sua beleza física. Isso faria alusão à sociedade utópica, onde se procura passar a imagem da perfeição, em detrimento de quaisquer outros aspectos.

Inclusive, Lorde Henry deixa explícito que a alienação de Dorian a esses padrões da sociedade não poderiam ser vistos positivamente, mas como uma desvantagem. Ele considera que ter ciência disso o faria aproveitar os prazeres da vida, antes que o tempo lhe “roubasse” estas oportunidades. Por isso, quando Dorian se demonstra irritado após a conversa de ambos, ele afirma que o diálogo foi, na verdade, uma dádiva:

(...) “E você sabe que tem sido um pouco tolo, Senhor Gray e que realmente não se importa que o chamem de garoto.”
“Eu deveria ter me importado muito nesta manhã, Lorde Henry.”
“Ah! Nesta manhã! Você somente começou a viver depois disso.” (WILDE, 2009, p. 54)

A partir de então, sem maiores explicações, é notado que o desejo de Dorian se torna real. Conforme os anos se passam, a jovem aparência e beleza do rapaz permanecem, enquanto que a aparência do seu eu no retrato envelhece gradualmente em seu lugar. Mais do que isso, a pintura exterioriza também a personalidade cruel do personagem, através de seus feitos. Sendo puro e inocente, através do “despertar” causado por Lorde Henry, Dorian inclina-se a coisas que antes jamais faria, temendo grandiosamente a ação do tempo, antes de perceber que o quadro tomara para si o infortúnio de sua passagem, que levaria sua beleza:

“(…) Por quanto tempo gostará de mim? Até eu ter a primeira ruga, suponho. Sei, agora, que quando alguém perde a sua boa aparência, seja quem for, perde tudo. Seu retrato me ensinou isso. Lorde Henry está perfeitamente certo. A juventude é a única coisa que vale a pena ter. Quando eu me aperceber envelhecendo, me matarei.” (WILDE, 2009, p. 51)

Quando Dorian diz que irá se matar ao perceber os sinais da velhice, aponta de forma drástica a preferência pela morte do que o enfrentamento da passagem natural do tempo. A ênfase dada ao paradoxo moral de uma sociedade, nesse caso, a super valorização do exterior, metaforizado pela beleza, enquanto o interior está em decadência, permite que pensemos acerca de nosso próprio lugar social, contribuindo significativamente, ou não, para a alienação a esses aspectos controversos que, por sua vez, teriam sido causados, ou possibilitados, pela conceituação do tempo. Isso nos traria a ideia de um círculo vicioso, pois o tempo foi constituído socialmente, no entanto o próprio devolveria reflexões críticas à sociedade, advindas da consideração da sua existência.

Traçando um paralelo, a relação entre interior e exterior, onde esse seria uma representação utópica, aparentemente perfeita, e aquele a decadência da distopia em si, é visível no texto literário em questão, através da composição da consciência e personalidade das personagens, principalmente de Dorian Gray; em cujos valores, tais como ideais de conservadorismo e valorização do belo, são notáveis a ação social, ao qual está inscrito, implicitamente imposta. A mudança no comportamento do mesmo seria uma espécie de revelação da realidade social, devidamente escondida por trás da aparência, fachada.

Esta mudança se baseia na constatação de que o tempo já não apresentaria ameaça ao personagem, devido à sua condição imortal; nesse momento, passa a “aproveitar” a vida sem medir as consequências, em um estado de mentalidade que pode ser considerado *carpe diem*, termo latino cuja tradução literal seria “aproveitar o dia”, referindo-se a viver bem, de maneira equilibrada e harmoniosa, sem excessos. No entanto, não só passou a sair com várias mulheres, chegando a iludir uma moça amorosamente, causando seu suicídio; como frequentava festas e outros atos não bem vistos à sua personalidade pura e aos olhos da sociedade conservadora. Como também, inclusive, chegou a cometer crimes de homicídio.

Ele sentiu que a hora de fazer a sua escolha tinha realmente chegado. Ou sua escolha já teria sido feita? Sim, a vida decidira por ele – a vida e sua infinita curiosidade sobre ela. A juventude eterna, a paixão infinita, prazeres sutis e secretos, loucas alegrias e ainda mais loucos pecados – ele estava para possuir todas estas coisas. O retrato carregaria o peso de sua vergonha: isso era tudo. (WILDE, 2009, p. 125)

Retomando a menção da morte, sua relação com o tempo é intrínseca e não explícita. Vemos que antes de perceber sua imortalidade, Dorian expôs seus pensamentos a respeito de preferir fim a sua vida do que envelhecer. No entanto, ao reconhecer que a passagem do tempo já não lhe afetaria em nada, sua visão de mundo alterou-se grandemente. Faz-nos parecer que nossos conceitos e experiências individuais seriam medidos pela finitude propiciada pelo aspecto temporal, uma espécie de reconhecimento que antes de nossa existência houve tempo, e depois dela haverá continuamente. Permitindo-nos racionalizar acerca de nosso papel como indivíduos sociais.

A imortalidade, nesta perspectiva seria a ausência de tempo, a não existência de algo que, substancialmente, possui poder e controle sobre a humanidade, ainda que seja um conceito instituído e complexo em sua definição. Esta linha de pensamento relaciona-se à observação de Heidegger, ao mencionar que uma das extremas possibilidades do tempo é a morte; utilizando o termo alemão *Dasein* que, filosoficamente, aludiria à ideia do ser, da existência; trazendo para esse contexto literário, Dorian não temeria esse fim, pois a morte também não lhe ocorreria, tendo em vista que a passagem temporal não lhe afeta fisicamente; portanto, esse seria um dos fatores colaboradores para o desenvolvimento de sua personalidade.

O *Dasein* tem em si mesmo a possibilidade de se encontrar com sua morte como a mais extrema possibilidade de ser ele mesmo. Esta extrema possibilidade de ser tem o caráter de estar à frente com certeza, e essa certeza (*Gewißeheit*) é caracterizada, por sua vez, por uma total indeterminação (*Unbestimmtheit*). A auto-interpretação do *Dasein* que ultrapassa todos os outros enunciados de certeza e propriedade é a interpretação em relação à sua morte, a indeterminada certeza da mais possível possibilidade de ser para o fim (*Zu-Ende-seins*) (...) Neste contexto, o ser da possibilidade é sempre a possibilidade [constituída] de maneira tal que saiba da morte, na maioria das vezes, nesse sentido: já a conheço, mas não penso nela. Eu sei da morte, na maioria das vezes, de uma maneira de saber que retrocede. (HEIDEGGER, 1924, p. 12 e 13)³

Esta poderia reafirmar também, a relevância do aspecto temporal na obra, sendo um, se não o maior recurso, para o desenredo da trama. Uma das evidências pode ser observada na edição especial da obra de Wilde, traduzida por Clarice Lispector; nesse, a mesma escreve um prefácio dando ênfase a esse ponto como primordial ao desenredo:

Mas a ideia entusiasmará o escritor: que o físico se mantivesse intato, através do tempo, sem sofrer as marcas dos erros, das maldades, das perversões a que está sujeita a alma humana através da duração de sua vida; que essas marcas se imprimissem no retrato; o corpo se mantivesse jovem, belo e sadio; nenhuma queda, nenhuma decadência, nenhum sinal de velhice. (LISPECTOR, 1974 apud WILDE, 1974, p. 5)

É relevante pontuar que *O retrato de Dorian Gray* é um exemplo de narrativa onde podem ser encontradas diferentes concepções temporais. Embora o tempo físico seja o mais explícito, através de toda a valorização da beleza e o temor de Dorian em perdê-la, demonstrado também pelo quadro, que possui como maior ação trazer para si seu efeito na aparência; o próprio retrato é o responsável pela permissão de outras vertentes essenciais para o desenvolvimento do enredo, como o tempo psicológico.

O que acontece é que a pintura de Dorian não só transparece seu eu físico, mas também seu interior, seu caráter, através dos impactos psicológicos causados em si mesmo pelos seus atos. As maldades cometidas, tais como assassinatos, transparecem

³ Tradução do original: El *Dasein* tiene en sí mismo la posibilidad de encontrarse con su muerte como la más extrema posibilidad de ser de él mismo. Esta extrema posibilidad de ser tiene el carácter del estar por delante con certeza, y esta certeza (*Gewißeheit*) está caracterizada, a su vez, por una total indeterminación (*Unbestimmtheit*). La auto interpretación del *Dasein* que sobrepasa todo otro enunciado en certeza y propiedad es la interpretación con respecto a su muerte, la indeterminada certeza de la más propia posibilidad del ser hacia el fin () (...) En este contexto, el ser de la posibilidad es siempre la posibilidad [constituída] de manera tal que sabe de la muerte, las más de las veces, en este sentido: ya losé, pero no pienso en ello. Sé de la muerte las más de las veces en el modo del saber que retrocede. (HEIDEGGER, 1924, p. 12 e 13)

em seu retrato por meio de manchas vermelhas de sangue e alterações em seu semblante, configurando-lhe um olhar psicótico e um sorriso sarcástico. As ações de um indivíduo podem não ser vistas em sua aparência, porém os efeitos, grosso modo, repercutem em seu interior. É esse aspecto que o retrato exterioriza em Dorian Gray, o passar do tempo psicológico: “Este retrato lhe seria o mais mágico dos espelhos. Assim como lhe revelara seu próprio corpo, agora lhe revelaria sua própria alma.” (WILDE, 2009, p.126).

Debruçando-se nestas variadas concepções temporais e tomando as considerações de Benedito Nunes, vemos esta oscilação entre o cronológico e psicológico. Uma vez que a história nos é contada sob uma perspectiva cronológica, isto é, seguindo uma ordem de acontecimentos dos fatores do enredo da obra, também nos apresenta uma passagem temporal de cunho psicológico; esse é marcado pelo personagem principal, Dorian Gray, e sua mudança de personalidade.

A experiência da sucessão dos nossos estados internos leva-nos ao conceito de tempo psicológico ou de tempo *vivido*, também chamado de *durância interior*. O primeiro traço do tempo psicológico é a sua permanente descoincidência com as medidas temporais objetivas. Uma hora pode parecer-nos tão curta quanto um minuto se a vivermos intensamente; um minuto pode parecer-nos tão longo quanto uma hora se nos entediamos. (NUNES, 1995. P.18)

É importante ressaltar que a passagem do tempo não nos é dada explicitamente, cabe a representação do quadro de Dorian nos apontar os anos passados, através do envelhecimento e aparição de características outras à Dorian. Por meio dele, percebemos o salto no tempo, pois se não fosse lhe dada devida atenção, poder-se-ia pensar que os acontecimentos do enredo se deram em curto período; quando na verdade chega-se até o momento da velhice do personagem. Esta relativa confusão é propiciada pela aparência de Dorian, que se mantém inalterada.

Ele mesmo, ao retornar para casa (...) subiria as escadas até o quarto fechado, abria a porta com a chave que nunca o deixava e, permanecia, com um espelho, em frente ao retrato que Basil Hallward pintara dele, olhando agora para o rosto envelhecido e mau na tela, e então para a bela e jovem face rindo de volta para ele pelo vidro polido. A própria agudeza do contraste costumava animar seu sentimento de prazer. Ele se tornava cada vez mais enamorado de sua beleza, cada vez mais interessado na corrupção de sua alma. Ele examinava com cuidado intenso, e frequentemente com um prazer monstruoso e terrível, as abomináveis linhas que endureciam a enrugada testa ou se espalhavam pela forte e sensual boca, se perguntando às vezes quais eram os mais horríveis, os sinais de pecado ou os da velhice. Ele colocava suas mãos brancas ao lado das mãos grosseiras e

inchadas do quadro, e sorria. Ele zombava do corpo deformado e dos membros derrotados. (WILDE, 2009, p.159)

O método narrativo da história, também oferece obstáculo para a compreensão temporal. Uma vez que o narrador não se faz presente em todos os momentos, sendo os diálogos bastante extensos, havendo capítulos apenas compostos pelas conversas entre os personagens. Esse processo causa uma sensação de passagem curta de tempo também, algo como semanas ou meses, e não anos; chegando inclusive a velhice e morte do personagem.

O retrato de Dorian Gray poderia ser considerado uma espécie de narrador também, pois é através dele que vemos os saltos no tempo e o desenvolvimento da personalidade do protagonista; acabando por realizar uma “quebra” na constituição e construção narrativa, pois, comumente falando, seria considerada unicamente composta de linguagem escrita. E, como citado anteriormente, cabe a esse elemento, a pintura, nos contar a história e, conseqüentemente, apresentar o foco crítico pretendido pela narrativa. Sem palavras ou sons, apenas o visual demonstra os ocorridos diante das ações praticadas. Mais do que isso, aponta as “sujeiras” no caráter de Dorian, ao expor feições assustadoras, marcas de expressões e até mesmo manchas de sangue, conforme realiza tais atos de violência.

E quando, indo procurar auxílio a uma duvidosa ou, pelo menos, problemática correspondência das artes, argumento que entre um quadro e a pessoa que o contempla não há outra mediação que não seja a do respectivo autor, e portanto não é possível identificar ou sequer imaginar, por exemplo, a figura de um narrador na Gioconda ou na Parábola dos Cegos, o que se me responde é que, sendo as artes diferentes, diferentes teriam igualmente de ser as regras que as traduzem e as leis que as governam. Esta peremptória resposta parece querer ignorar o facto, fundamental no meu entender, de que não há, objectivamente, nenhuma diferença essencial entre a mão que guia o pincel ou o vaporizador sobre a tela, e a mão que desenha as letras sobre o papel ou as faz aparecer no ecrã do computador, que ambas são, com adestramento e eficácia similares, prolongamentos de um cérebro, ambas instrumentos mecânicos e sensitivos capazes de composições e ordenações sem mais barreiras ou intermediários que os da fisiologia e da psicologia. (SARAMAGO, 1998, p. 1)

Esse recurso contribui para o choque de horror causado no leitor, intensificado justamente pela ideia do quadro possuir características como as de um espelho, um espelho da alma. Chega a causar uma maior repulsa em cenas violentas, como quando Dorian assassina o pintor de seu retrato, tomado por raiva e, instantaneamente, manchas de sangue aparecem em suas mãos na pintura. Adorno discute estranhamento no leitor,

pela inversão e modificação de uma “realidade” reconhecida como comum e “normal”, onde imagens não são alteradas pelas ações do tempo. Esse aspecto apenas afirma a crítica intencionada, pois é através do horror e choque, que se permite uma maior reflexão por parte do leitor, ao invés da aproximação da realidade.

O procedimento de Kafka, que encolhe completamente a distância, pode ser incluído entre os casos extremos, nos quais é possível aprender mais sobre o romance contemporâneo do que em qualquer das assim chamadas situações médias “típicas”. Por meio de choques ele destrói no leitor a tranquilidade contemplativa diante da coisa lida. Seus romances, se é que de fato eles ainda cabem nesse conceito, são a resposta antecipada a uma constituição do mundo na qual a atitude contemplativa tornou-se um sarcasmo sangrento, porque a permanente ameaça de catástrofe não permite mais a observação estética dessa situação. (ADORNO, 2003, p.61)

Desta maneira, percebemos como o conceito de tempo se mostra complexo e impossível de se definir, sendo inúmeras as concepções e interpretações. Dentro da narrativa, isso pode se apresentar como um grande auxílio para o efeito pretendido, conforme vimos em *O retrato em Dorian Gray*; o aspecto temporal potencializa a problematização dos valores sociais utópicos, por meio da inferência do tamanho controle que exerce sobre a existência humana. Permite-nos pensar sobre nosso papel, enquanto indivíduos pensantes, inseridos em um contexto degradante, onde se espera a alienação em frente a estas questões; ainda que inquietações quanto às práticas viciosas de uma sociedade, e sua simbologia utópica, não tenham uma solução aparente, faz-se relevante a reflexão sobre nosso lugar, pois, implicitamente, estamos condicionados a esses fatores.

Referências

ADORNO, Theodor. *Posição do narrador no romance contemporâneo*. In: Notas de Literatura I. São Paulo: 34 Letras, 2003. Tradução Jorge de Almeida.

BLOCH, Ernst. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro. Editora Contraponto, 2006.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho*. Rio de Janeiro. Editora Zahar. 2013.

HEIDEGGER, Martin. *El concepto del tiempo*. 1924.

LISPECTOR, Clarice. *Prefácio*. In: WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro. Editora Ediouro, 1974. Tradução Clarice Lispector.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo. Editora Ática, 1995.

SANTEE, Daniel Derrel. *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the light of More's Utopia*. Florianópolis, 1988. Dissertação (Mestrado em Letras), UFSC. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/75596/79334.pdf?sequence=1>> Acessado em 12/10/2017

SARAMAGO, José. *O autor como narrador*. Cult- Revista Brasileira de Literatura. n.º 17. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. São Paulo. Editora Landmark, 2009.

Recebido em: 10/10/2018
Aprovado em: 08/12/2018